

# SEU VERO, O PROFESSOR (CONTO)

José Amâncio <sup>105</sup>

[...] os homens comprazendo-se insaciavelmente em observar e admirar o céu e a terra, admirando-os sobremaneira e considerando lindíssimos um e outra, não só imensos mas infinitos tanto em grandeza como em majestade e em graça, Giacomo Leopardi

Desta janela, observo o tempo da tarde, isto é, a paisagem nublada e argêntea se desenrolando diante dos meus olhos. Moro numa casa de terraço, e aqui a rua é alta. A rua mais alta da cidade, de modo que o céu inteiro me circunda. Todavia, ainda não o alcanço. Todos os dias me recosto nesta janela de madeira de Cerejeira para o observar. Mas, hoje essa paisagem está incomum, carregada de tempo e de sensações. Tenho a impressão de que vejo o semblante do mundo sorrir, no tempo desta tarde, na paisagem abrumada de tantas coisas, ainda por se explicar. Eis o tempo do mundo, ali fora. E aqui mesmo, a vontade do que me rodeia tem o sabor de um primeiro de maio autêntico, legítimo, original, neste ano de mil novecentos e oitenta e seis. Também há um pretérito que impregna este tempo da tarde, por isso, sou naturalmente fleumático — sim, por causa da tarde. Me acho assim. Sou ainda um ser inquebrantável quando de baixo vem o pior. Do alto nunca vem o pior, penso. Exercitei minha indiferença para que ela seja grande! Confesso a vocês! Sim. Digo tudo como penso. Reproduzo aqui, neste papel de embalagem de pão, cada sílaba estampada, vinda lá do fundo da minha alma. Digo a verdade aqui, mas se quiser duvidar, duvide! É direito seu! Só não venha me inquirir em demasia, ou apontar o dedo na minha cara, me chamando de mentiroso ou sem vergonha, ou safado, ou miserável, ou inescrupuloso, ou enrolado, ou cara cínica, ou cara de pau, ou cara de qualquer coisa, porque isso já ouvi demais, e não tolero mais. Sobre o passado recente? Acontecia que naquele tempo se adotava a verdade e ainda assim se passava por mentiroso, ou — não sei se ainda pior —, se falava por mentiras reconhecidas e se passava por mentiroso razoável. Todo mundo era desconfiado. Todo mundo apanhou na cara, pelos tapas da vida. Todo mundo havia se frustrado de alguma forma. Todo mundo

---

<sup>105</sup> Pseudônimo de Wellington Amâncio da Silva. Wellington Amâncio da Silva é mestre em Ecologia humana e gestão socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia. Professor auxiliar da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: [wellington.silva@cedu.ufal.br](mailto:wellington.silva@cedu.ufal.br)

havia sido traído, ou traindo alguém que traíra os seus princípios — caso houvesse. Todavia, justificativas são justificativas, nos jogos de circunlóquios. Nós mesmos já tínhamos “apanhado” muito. Investido muito de si naquelas convenções falsas e traiçoeiras em si mesmas. Não havia outro relativismo possível. Mesmo assim, nos arrastávamos sobre o terreno calmo da falsidade sorridente. E aconteceu que eu estava assentado numa cadeira azul, na sala dos professores, num canto da mesa, afastado de dois ou três colegas que ali estavam — e sob a mesa limpa, as coisas distribuídas, segundo uma ordem familiar. Sim. Tudo limpo e em ordem familiar. Eu, professor, *servo publici em manumissão* há mais de dez anos, estava ali encenando meu papel bimestral de professor humanista, educado e não dado às grosserias (e não sejamos hipócritas: a grosseria é um fenômeno que, de quando em quando, ocorre em uma escola ou outra, como em qualquer outro lugar onde convivam as gentes — e isso não é uma mentira do gênero “*calumniae*” — porque nem todo aquele que ensinava era de fato professor, e alguns outros daqueles que entre nós circulam não querem morder). No cerne de todo ajuntamento humano rasteja a cavilação. Porém, estava convicto de que deveria encenar uma educação refinada, comportada, excelente, se possível, com o “por favor”, o “com licença” e o “boa tarde” (apesar disso, em minha casa, eructava ao meu gosto, como um bovino, sim! e daí? Porém, me lembro de que para a convivência — eu fora educado à contenção das pulsões e das contingências: meu comportamento obstaculava contra as “águas internas do ser”, represadas em mim desde sempre, e era aquele tal o qual chamavam de *comporate*, comporta, qual seja, comportamento; e vivia feliz, me sabendo refreado em público, e contido até para mim mesmo, seguindo maquiado). E na escola, num canto da mesa, na sala dos professores eu estava, e eis que se assentava ao meu lado uma professora estressada, do tipo que ninguém sabe se estava divorciada, porque levou a distímia para casa, ou, se a trouxe de casa para a escola, se divorciando da ética profissional. Apesar de que um divórcio bem desfechado é sinal muito claro de nobreza de uma personalidade buscando o seu quinhão. Eu não havia ressentido dela, exceto pela feiura de espírito. Ela me dirigiu a palavra com notável aspereza, me perguntando se a “aluna fulana de tal” havia sido aprovada, também em minha disciplina (de Ensino Religioso), já que “a pessoa era imprestável mesmo. Uma satanás!” — *ipsis litteris* suas palavras. Respondi em voz quase inaudível que a aprovei. E ela retrucou dizendo que, “todo mundo passava em tua disciplina, professor!” (Nunca me chamava pelo nome, aquela peste!). Na verdade, não sabia o que fazer quanto àquela aluna (quanto à professora, precisamente a ignorava). Na verdade, eu tinha medo de utilizar os

métodos mais comuns de avaliação, e assim aplicar a ruindade que emanava naturalmente destes métodos. Se assim fosse, estaria maquinando contra aquela aluna, já muito problemática; estava como medo de que se tornasse como aquela professora, por exemplo: amarga, ressentida, frustrada e perseguidora, porque o adulto é geralmente o auge de alguma inconformidade de espírito. E eu adjetivo aquela professora de “amarga” e “ressentida” pelos parâmetros dela mesma, se querem saber: aqueles de vir até mim, me perturbar:

— E você me responde com essa cara de calma? — me questionou, com um sorriso esticadiço de ironia chula.

— Sim. Aluna aprovada no terceiro bimestre. — respondi sem a olhar diretamente, visto que eu estava rabiscando algo em meu caderno amarelo<sup>106</sup> abarrotado, e continuei: — ela tem algum potencial, por isso fora aprovada.

— Você deveria se comprometer com a Educação. Com essa fala mansa e essa cara de despreocupado, o senhor talvez goste de dissimular já desde muito, não acha, meu nobre? — disse baixinho, próxima ao meu ouvido, com voz levemente rouca e úmida, rindo e acariciando amigavelmente meu ombro, durante toda a frase.

Tenho as minhas críticas ao sistema! Não concordo de todo! Penso que já não bastava ficarmos de pé, no meio da sala de aula, durante as avaliações, olhando aquele povo fazendo uma prova bimestral, assentados sobre cadeiras azuis, em filas indianas, paralelas. Seria o absurdo da canalhice profissional, uma falta grave de ética: eu ali no meio da sala de uma aula silenciosa, policiando, supervisionando, arregalando os olhos e me agachando para tentar encontrar uma “cola” abaixo da cadeira azul, e por isso mesmo, depredando a honestidade daqueles jovens, desconfiando deles como se fossem embusteiros! Como se fossem cometer algum crime a qualquer momento! É isso que ensinamos? Isso não faço: abro um livro de Schopenhauer, me debruço profundamente sobre o texto e os deixo fazendo a prova; nem os olhos! Eles confiam em mim.

— Eu acho que o senhor professor não está falando a verdade... — insistia aquela professora.

---

<sup>106</sup> Um clássico! O tão presente “caderno amarelo” se torna amarelo com os anos. Tem esse nome, porque sendo caderno repleto de atividades para o ano todo, é fruto dos primeiros anos de alguns professores, que se apressam em enchê-lo de atividades. Tem a função de ferramenta didática imutável. Possui todas as aulas necessárias, e ano após ano são as mesmas aulas, independente das singularidades inerentes à uma sala de aula ou outra, e ao ano letivo e suas demandas. Suas atividades às vezes são utilizadas em séries diferentes — e é possível a um aluno de há vinte anos atrás se lembrar delas e comunicar ao seus filho estudante as atividades do presente ano letivo, se seu filho, claro, for aluno da tia do “caderno amarelo”. Quando se perde o caderno amarelo o professor é acometido de imensurável pânico.

Ora. Por meu turno, resolvi não lhe responder, porque, em minha língua comichavam palavras disparatadas. Me convencia de que a formação moral geralmente se realizasse mais num curso de filosofia, ou na vida de um anacoreta.

O mentiroso de verdade não existe. Ele seria invisível. A mentira é uma pedra metafísica. Somente o apedrejado sofrer por causa da mentira, ninguém mais. Todo mentiroso conhecido, além de vaidoso, no fundo é um parresiasta, porque não tem medo de mostrar a verdade, de que de fato mente. O mentiroso conhecido é um anti-herói, um ostentador, é um elucidador de verdades e um desvelador social. O mentiroso que não tem vergonha de mentir — e por vezes, espontaneamente oferta indícios dos rastros das suas mentiras — é um ser para a verdade, um ser de verdade. Por meu turno, não gosto de mentir, porque não aplico meu ímpeto criativo para estas coisas, ao passo que também faço vistas grossas para as mentiras que soam periféricas aos meus ouvidos, porque são coisas rasteiras, e que talvez não me arranhem. Ora, exceto pela criatividade do mentiroso, ele é de uma baixeza incrível, já que em grande medida o mentiroso não tem projeto, meio e finalidade, e quando mente, mente em improviso, mente por mentir, mente para sair-se daquilo que pensa ser um ardil (para ele tudo é um ardil). E ainda, mente ludicamente, mente por estar entediado, mente para magoar, para ver o que é que dá, para ostentar, para estorvar, para obnubilar, para rir, para se comover, para escrever, para cantar, para ensinar, para acordar, para dormir, para sarcastizar, para dissipar o tédio; mente por mentir, e mente ainda para ensaiar uma verdade; mente como quem faz arte e como quem nada faz.

— Mas me diga uma coisa, professor: o senhor estava mentindo ou não? digo quanto à aprovação daquela aluna de pouco futuro...

— A aluna de fato, está aprovada no terceiro bimestre!

— Porque a aluna nunca responde atividades em minha disciplina... — dizia se justificando, em sorrindo de lábios cerrados.

O ser humano que não tem segredo, se não por amnésia, é um ser transparente, não chama atenção de ninguém. Sua presença é atravessada pelo olhar do outro desconfiado, o outro de sempre; na verdade, quem o percebe em suspeita, o veste de si, e se projeta nele, como um culpado universal, frente ao espelho. De todo modo, o ser humano que não tem segredo, tem naturalmente uma nobreza pretensiosa e um descaso profundo sobre o que é seu. O ser humano que não tem segredo é um mentiroso.

— Mas, me diga uma coisa, professor: essa aluna tem chance de passar?  
— questionava ainda, ensaiando certa preocupação filantrópica.

## Biografia

José Amâncio, (pseudônimo de Wellington Amancio da Silva) nasceu em 1979, em Delmiro Gouveia, Alagoas (Nordeste da Caatinga!). Em 1997 inicia projeto literário: escreve alguns versos, contos e outros textos; conclui alguns livros, mas não consegue publicá-los e se detém, por quase duas décadas, em revisões. Está sempre preocupado com a escrita na qualidade de ofício que perfaz a si mesmo. Em 2014 são publicados alguns dos seus poemas em revistas literárias especializadas: Revell — Revista de Estudos Literários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; Germina — Revista de Literatura e Arte, e Revista Literária Sítio (Portugal). Entre 2016 e 2018, a revista italiana Utsanga publica uma série de poesias visuais, de desenhos em técnica mista e de escriturações diversas. Em 2018, novamente a Revell publica um dos seus textos, o conto “Seu Vero, o professor”. Do autor, foram publicados os livros, “Ontologia e Linguagem” (filosofia da linguagem); “Pensar a Indigência com Michel Foucault” (filosofia); “Eflúvio Maior (filosofia da arte)”; “O Quasi-Haikai” (versos); “Epifania Amarela” (versos); “Ulisses e o Timoneiro” (versos); “Distímicos e Extrusivos” (versos); “Diálogos com Sebastos” (teatro); “O Catingueiro” (romance); O Reneval (versos). Fundador da Edições Parresia.

[facebook.com/caboclo.zeitgeist](https://facebook.com/caboclo.zeitgeist)

Recebido em 06/03/2018. Aceito em 16/09,